



Penso, logo assisto

Autor de 'Cinefilô' defende que os super-heróis de 'X-men' trazem ideias dignas de Deleuze

NAO PERCO!



FÁBIO PORCHAT, 25 anos, ator e diretor de teatro (Rio de Janeiro): "Eu rido pouco a menos 10 ou 15 minutos e os outros riem".



ISABEL ACOSTA, 25 anos, fotógrafa (Rio de Janeiro): "Nós rimos a pouco a pouco".

ENTREVISTA Olivier Pourriol

O cinema comercial de Hollywood não é composto apenas de planos, cortes, diálogos espertos e ligeiros, efeitos especiais, rostinhos bonitos e um impacto que encantam o público. Até os filmes mais comerciais podem gerar reflexão sobre temas que já foram discutidos há 400 ou 500 anos. Para comprovar essa proximidade, o francês Olivier Pourriol escreveu "Cinefilô — As mais belas questões da filosofia no cinema", recém-lançado aqui pela Jorge Zahar Editor. A obra relaciona pensamentos dos filósofos René Descartes (1596-1650) e Baruch Spinoza (1632-1677) com filmes comerciais, como "X-men", "Matrix" ou "Forrest Gump". Em Paraty, para a Filp, Pourriol foi responsável ontem por uma concorrida palestra na Casa da Cultura, onde pôde relacionar "Blade Runner" à teoria de Spinoza sobre o desejo de eternidade. Em entrevista ao GLOBO, ele explicou como os filmes menos ambiciosos, como "Transformers", podem trazer questionamentos filosóficos. Basta procurá-los.

André Miranda
Enviado especial *PARATY
O GLOBO: Nos últimos anos, uma série de livros ligando filosofia e cinema foi lançada. Você acredita que essas obras podem ser consideradas uma espécie de gênero literário? O que seria tão interessante para o leitor nessa área?
OLIVIER POURRIOL: Primeiro, é um bom sinal que a filosofia não seja apenas um tema para ser estudado em salas de aula, e sim alguma coisa viva, que vem do desejo de explorar novas realidades. Geralmente é difícil estabelecer um debate aberto utilizando teorias filosóficas. Já um filme é um objeto cotidiano, que dá uma base conhecida tanto pelo autor quanto pelos leitores.

André Miranda
Enviado especial *PARATY
O GLOBO: Mas o cinema pode? Todos os filmes, mesmo um best-seller americano, trazem questões filosóficas?
POURRIOL: O poder dos filmes, devido à sua universalidade inelutável. Até mesmo um filme aparentemente feito sem a intenção de provocar alguma reflexão, um blockbuster como "Transformers", por exemplo, precisa ter alguma relação com aspectos humanos. Isso porque há uma necessidade existencial de ser uma obra universal, que possa conquistar as platéias de todo o mundo. Em "Transformers", o próprio diretor, que certamente não tem pretensões intelectuais, disse que tudo não passa do prazer da destruição. Hegel ou Walter Benjamin escreveram textos maravilhosos sobre a estética da negatividade, da destruição. Eles conseguiram explicar o porquê de assistir a algo sendo destruído é tão agradável.

Qualquer evento das nossas vidas pode ser interpretado pela filosofia? Pourriol: Eu espero que não.

Como você escolheu os filmes abordados em "Cinefilô"? O que veio



EM PARATY, Olivier Pourriol relacionou o film cult "Blade Runner" à teoria de Spinoza sobre desejo de eternidade

primeiro: os filmes os as linhas filosóficas que seriam abordadas?
POURRIOL: Eu misturei os dois métodos. É como num laboratório. O que aconteceria se relacionássemos esse texto aquele filme? Há alguma ligação ou diálogo entre eles? "Matrix", por exemplo, foi um filme que despertou muitas discussões filosóficas. Mas ele em realmente não foi filosofia como os filmes costumam dizer? Ou há exceção?
A filosofia, em "Matrix", é mais como um papel de parede. Na maioria dos casos, é decorativa, algo semelhante à maneira com que Stravinsky costumava se referir à música nos filmes, dizendo que era música de papel de parede. Porém, é admirável o fato de que a maior parte do filme, entre aquelas espetaculares cenas de ação, é composta de diálogos metafísicos, alguns obscuros, sobre liberdade, casualidade e destino.

Um filme sobre super-heróis, como "X-men"? Ele é só uma obra que pode ser interpretada segundo estudos filosóficos ou pode ser ponto de partida para uma nova reflexão?
POURRIOL: Eu adoro os dois primeiros "X-men", brilhantemente dirigidos por Bryan Singer. Filmes de super-heróis nos fazem experimentar novas poderes e possibilidades. Das nos aliviam novas realidades, nos permitem ultrapassar as fronteiras de nossos corpos, e nos dá a sensação do que Gilles Deleuze chama de "percepção pura", uma percepção sem o limite do corpo. E novas percepções podem nos trazer novas ideias.

Você acredita na tese de que um filme violento, como "Clube da Luta", pode ser uma influência ruim para crianças ou adolescentes?
POURRIOL: Eu acho que é o oposto. Um filme como "Clube da Luta", para mim, baseia-se num tipo de violência que é impossível de ser imitada. Em primeiro lugar, ele não é feito para crianças, da mesma forma que as tragédias na antiga Grécia não eram abertas para qualquer um. O verdadeiro problema da violência nos filmes é a quantidade de violência fútil, que você pode absorver num dia. É como um remédio: você precisa da quantidade exata no momento certo. A violência sempre faz parte da ficção, e isso não tem nada a ver com a violência real. Normalmente, a violência real surge da carência de imaginação, é essa a diferença real que leva à violência.

Em clima de 'Flipwood'

Uma tendência que já há observada na Filp do ano passado vem crescendo nesta edição da festa: a presença do cinema nos eventos oficiais de Paraty. A razão, explica o diretor de programação, Flávio Moura, é bem simples: — As pessoas que se interessam por literatura também se interessam por cinema. São muitas as possibilidades entre as duas áreas. E, neste ano, ainda temos o Domingo Oliveira como um dos convidados da Tenda dos Autores.

É o cinema brasileiro? Você se lembra de algum exemplo de produção brasileira que possa ser discutido à luz da filosofia?
POURRIOL: Eu adoro o trabalho de Hector Babenco e de Walter Salles, ambos diretores de obras lindas e profundas. Eu gosto do curta-metragem que Walter Salles fez, com humor e beleza, para o 60º aniversário do Festival de Cannes. Eu só conheço os filmes brasileiros que tiveram uma carreira internacional, mas imagino que deva haver muitos outros filmes interessantes, e estou ansioso para descobri-los. Um bom filme sempre carrega a expectativa de uma boa viagem. Assim, o próprio Brasil pode ser um filme promissor. ■